

Redes sociais e desenvolvimento local: desafios à participação popular

Las redes sociales y desarrollo local: retos para la participación popular

Networks and local development: challenges to popular participation

Decilene Santos Mendes¹

Eliana Maria de Queiroz Ramos²

Sabrina Kelly Nogueira Falcão Soares³

Maria do Carmo Soares D'Oliveira⁴

Maria Salett Tauk Santos⁵

RESUMO: O objetivo da pesquisa é analisar os diferentes tipos de participação popular no âmbito das redes sociais no processo de desenvolvimento local. A análise dos dados foi realizada a partir da construção de quatro categorias que levam à promoção do desenvolvimento local: relações de poder, aspirações para o futuro, amor ao trabalho, comunidade e participação, de forma a explicitar que a participação se manifesta de forma articulada e coesa, em que a principal rede utilizada é do tipo boca-a-boca.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Desenvolvimento Local; Estudos Culturais; Participação Popular; Redes Sociais.

RESUMEN: El objetivo de investigación es analizar los diferentes tipos de participación popular en las redes sociales en el proceso de desarrollo local. Análisis de los datos se realizó a partir de la construcción de las cuatro categorías que llevan a la promoción del desarrollo local: las relaciones de poder, las aspiraciones para el futuro, amor al trabajo, y participación comunitaria.

PALABRAS-CLAVE: Comunicación; Desarrollo Local; Estudios culturales, participación popular; redes sociales.

ABSTRACT: The objective of the research is to analyze the different types of popular participation in social networks in the process of local development. Data analysis was performed from the construction of four categories that lead to the promotion of local development: power relations, aspirations for the future, love of work, community and participation.

KEY-WORDS: Communication; Local Development; Cultural Studies; Popular Participation; Social Networks

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Brasil, decysamen@hotmail.com

² Mestra pelo POSMEX, da UFRPE, Recife, Brasil, eliana_queiroz144@hotmail.com

³ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará e Mestra pelo POSMEX, da UFRPE, Recife, Brasil, sabrina_ufrpe@yahoo.com.br

⁴ Mestra pelo POSMEX, da UFRPE, Recife, Brasil, mariacsdoliveira@gmail.com

⁵ Doutora em Comunicação, Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE, Recife, Brasil, mstauk@terra.com.br

Introdução

Entendemos que a comunicação é uma questão de cultura e essa cultura se manifesta nas práticas sociais, estando ambas no mesmo patamar. Considerando que a comunicação popular não é um fenômeno recente e fundamenta diversos estudos, especialmente no campo da cultura, pontuamos nossa pesquisa no cotidiano do tecido popular, espaço onde as mensagens adquirem seus sentidos.

O objetivo central é analisar os diversos tipos de participação popular, mas para isto orquestramos os objetivos específicos de buscar compreender como se dá a inserção dos atores populares nos diferentes tipos de participação popular no âmbito das redes envolvidas no processo de desenvolvimento local; como estas redes se articulam, utilizando a comunicação na perspectiva dos estudos culturais e identificar até que ponto tal inserção contribui para uma dinâmica local de resistência aos processos de globalização e de enfrentamento da exclusão social.

Desta forma, buscamos os laços que estabelecem as redes de relacionamento entre os atores sociais, tendo em vista o capital social e o estabelecimento inicial de diversas categorias: amor ao trabalho; relações de poder; aspirações para o futuro; prosperidade; solidariedade, cooperação; colaboração; cidadania; comunidade e participação em associação; autogestão e sustentabilidade, porém as categorias identitárias escolhidas para trabalhar em Barra do Riachão foram: relações de poder; amor ao trabalho; aspirações para o futuro; comunidade e participação em associação.

Acreditamos que este trabalho se justifica dentro das pesquisas de desenvolvimento local e dos estudos culturais como uma forma de entender os processos de participação popular nas redes sociais nas cidades de características rurais, uma vez que é no local que se encontram instituições importantes do cotidiano: escolas, postos de saúde, bairros. Portanto, certamente que rede é uma categoria essencial na análise das relações sociais de um dado território ou comunidade.

Comunidades e Redes Sociais na sociedade contemporânea: como se articulam

Os conceitos de comunidade ressurgem e, de certa forma, foram recriados com a globalização. Servem para referenciar qualquer tipo de agregação social, às vezes até para

dar “ares mais modernos”. É usado para explicar fenômenos, sinônimo de sociedade, organização social, grupos sociais, sistema social, segmentos sociais (comunidade de negros, religiosa, de artistas, etc.), agrupamentos sociais em espaços geográficos de proporções limitadas (bairro, vila, lugarejo), e também para designar grupos de interesses afins, interconectados em rede (comunidades virtuais).

Já Maclever e Page (1973) *apud* Peruzzo (2002 p.278) afirmam que a localidade não é suficiente para se criar uma comunidade. Há a co-participação. Comunidade é uma área de vida em comum, com a noção de que se compartilha um modo de vida de terra comum.

Partindo das afirmações acima, pode-se inferir que comunidade pressupõe a existência de determinadas condições básicas: cultura comum, objetivos comuns, identidade natural, lócus territorial específico, linguagem comum, etc. Sendo assim, interação, participação, identidades, sentimentos de pertença e caráter cooperativo são imprescindíveis para que se caracterize comunidade.

Mas, o que vem a ser rede? Franco (2001) diz que rede é um modo pelo qual as relações acontecem, realizam-se. As redes têm o objetivo de interligar, compartilhar visões, forças, capacidades, acertos, dificuldades, caminhos, dúvidas, sonhos e esperanças. Perseguem o enriquecimento, a ampliação dos conhecimentos e competência dos seus membros. Em tais circunstâncias, a participação não está limitada a ações concebidas por pessoas que se consideram proprietárias do conhecimento. É também uma relação moral de confiança.

Delgado (2002) pontua que as organizações em rede são definidas como um modelo que enfatiza mais as relações horizontais entre os membros. São diferentes dos outros modelos onde as relações são em forma de pirâmide, onde existe rota de uma hierarquia ditada, onde as mensagens são em direções ascendentes ou descendentes, de superiores para subordinados ou vice-versa.

Opinião compartilhada por Marteletto (2001), lembrando que nas redes sociais há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. Hoje o trabalho informal em rede é uma forma de organização humana presente na vida cotidiana e nos mais diferentes níveis de estrutura das instituições modernas.

No tocante às redes também é viável pontuar Capital Social, definido como rede por Jacobs (1991) *apud* Franco (2001, p. 367). Franco também reafirma que Putnam (1993), Maturana (1985, 1993) e Fukuyama (1999) explicam que são as redes as produtoras do capital social, que é norteador por essas relações entre indivíduos unidos por normas e valores comuns, objetivando aumento da qualidade e da produtividade. Franco conclui que rede é um modo pelo qual as relações acontecem, realizam-se.

Participação e Capital Social

Participação é tema instigante para estudar os atores sociais de Barra do Riachão, ou melhor, a população brasileira em geral, tida como subalterna à sociedade, ao estado. Participar representa estar inserido, atuar ativamente num processo. Pedro Demo (1996, p. 84) afirma: “não pode haver participação dada, doada, preexistente. Somente existe na medida que a conquistarmos”.

Em se tratando de uma comunidade, a população do nosso lócus de pesquisa está agregada numa forma que configure um perfil comunitário. “Falar de comunidade significa falar de fortes laços, de reciprocidades, de sentido coletivo de relacionamentos” (PERUZZO, 2002, p.277).

É nessa visão de conjunto acima que se formam as redes, que são diversificadas e promovem relacionamentos entre as comunidades. As redes compartilham visões, forças, capacidades, dificuldades, caminhos, sonhos e esperanças (DELGADO, 2002, p.328). As redes são formais, informais, virtuais, porém o que se sabe é que todos os seres humanos participam de várias redes sociais.

A participação nas redes é uma forma importante de democracia das novas comunidades onde o capital social pauta as relações com a informação e a sociedade do conhecimento. Achamos viável ainda inferir que segundo Jara (2001, p.106-107):

capital social é a energia que possibilita o trabalho conjunto entre cidadãos. [...] a energia do capital social alimenta a confiança no outro fazendo com que os atores se abram às alianças, escolhas e tomadas de decisões conjuntas para a construção de um futuro.

Para Demo, a questão participativa alarga sobremaneira o entendimento da política social (DEMO, 1996, p.7), em suas fases socioeconômica, assistencial e política. Segundo este autor participação é conquista para significar um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo (DEMO, 1996, p.18).

“A participação possui a característica de ser meio e fim, porquanto é instrumento de autopromoção, mas é igualmente a própria autopromoção” (DEMO, 1996, p.66). Também vive da utopia da igualdade, da liberdade, da fraternidade totais. “Participação precisa ser construída, forçada, refeita e recriada”. (DEMO, 1996, p.82).

Gohn (2005) lembra que a questão da participação da sociedade civil tem por base conceitos como cidadania, cultura política, participação, identidade, reconhecimento, autonomia, direitos culturais e comunidade, território, capital social e sociedade civil.

Há, entretanto, outras categorias relevantes tais como: exclusão/inclusão social; equidade social; espaço público e esfera pública; poder local; solidariedade. Gohn (2005) aponta ainda a resistência como uma categoria-chave para os que acreditam e lutam por um projeto de emancipação social. Há, ainda, outras categorias como voluntariado e sustentabilidade. Para a autora, é no território que se localizam instituições importantes do cotidiano de vida da população: escolas, postos de saúde, bairros, entre outros.

A comunicação na perspectiva dos Estudos Culturais

Nos Estudos Culturais, a cultura é redefinida como processo global através do qual as significações se constroem social e historicamente e são, ao mesmo tempo, elementos importantes de sua constituição, admitindo a diversidade e complexidade, levando em conta a continuidade dentro da mudança. Portanto, “as culturas populares aparecem como uma apropriação desigual do capital cultural, a elaboração específica das suas condições de vida e interação conflituosa entre os setores hegemônicos” (CANCLINI, 1983, p.12). Pensar a cultura hoje envolve compreender o vínculo entre produção simbólica e base econômica. Também a ação social.

Braudillard *apud* Canclini (1983) constrói o conceito de cultura como a que abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social.

Os Estudos Culturais latino-americanos em consonância com a recepção

As culturas populares na perspectiva dos estudos culturais estão formuladas nas obras de Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini e Jesús Martín-Barbero. No entanto, os precursores destes estudos foram Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward P. Thompson, na década de 60, do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea de Birmingham, na Inglaterra.

Os estudos culturais latino-americanos com Canclini e Barbero têm como pano de fundo o debate sobre a modernidade, o horizonte marxista e a questão da globalização, momento conjuntural de redemocratização da sociedade e de observação intensa dos movimentos

sociais da época, interessando-se pelas interseções entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais, propondo, por sua vez, categorias analíticas como sincretismo, hibridação e mestiçagem, estudos de recepção e consumo cultural. Mais tarde, acrescentam-se as questões de raça e etnia (ESCOSTEGUY, 2001).

Os Estudos de Recepção começam a ser desenvolvidos na década de 80, devido à falta de explicações teóricas abrangentes, capazes de abordar a comunicação como prática social e cultural fundamental na consideração da sociabilidade e da subjetividade. Sua problemática está centrada em como se dão as inter-relações emissor/receptor e quais os fatores intervenientes nessa relação, bem como quais as formas de apropriação e ressignificação dos sentidos que circulam na pluralidade dos discursos sociais e que constituem o material simbólico tanto de emissores quanto de receptores (HALL, 2003). Porém, a recepção vem sendo mais trabalhada como conjunto de relações sociais e culturais mediadoras da comunicação enquanto processo social (SOUZA, 2006, p.5).

Segundo Tauk Santos (2009), estudar a recepção é entender o processo comunicativo de um outro lugar. Esse lugar é o das práticas culturais. É o que permite entender o processo de comunicação nas suas ligações com o cotidiano. Quanto às comunicações, o receptor é buscado em seu contexto para compreensão de como essa comunicação adquire sentido, valor, ao tornar-se conhecimento. O reconhecimento de que as práticas culturais são o espaço mesmo da vida cotidiana, por onde se ressignifica a vida, onde se situam as matrizes de sentidos, possibilita relocalar a significação igualmente política desse espaço de construção da vida social.

Ghiglione (*apud* SOUZA 2006, p.21) analisa a recepção como um contrato de comunicação, onde o receptor está diante dos signos e regras da sociedade e ao lado de sujeitos específicos, e dessa relação dá-se o diálogo. Para Barbero (1997), os mediadores são os transmissores de uma mensagem, que lutam pela identidade cultural, mas estão inseridos no tecido da cultura popular do bairro. São eles que constroem o tecido social que vai desenvolvendo uma nova institucionalidade, fortalecendo a sociedade civil, apresentando traços e novas relações sociais e de sujeitos coletivos na vida do país.

Entendemos, portanto, a recepção de acordo com o que Tauk Santos e Nascimento (2006, p.110) assinalam como um processo em que existe um contrato de comunicação proposto por organizações governamentais, organizações não-governamentais ou a mídia e uma determinada população.

Tauk Santos (*apud* TAUK SANTOS, ARAÚJO, PATRIOTA, 2009, p.4) incorpora a concepção de contrato de comunicação de Eliseo Véron para a esfera dos estudos de

recepção⁶, assinalando que a existência de um contrato de comunicação estabelecido entre emissor e receptor é suficiente para estabelecer um estudo de recepção. É o caso da pesquisa em questão cujo ponto de partida é um contrato de comunicação entre a Associação de Agricultores de Barra do Riachão e Grupos de Mulheres rendeiras, o Nusp⁷ e a população do município, em torno de uma proposta de desenvolvimento local, ou seja, uma organização governamental e /ou não governamental e uma população de contexto popular envolvidos num processo de desenvolvimento.

É o aspecto institucional destas mediações múltiplas que vai particularmente nos interessar, porque se manifesta a partir da participação do indivíduo em determinadas instituições como a família, a igreja, a escola, o trabalho, que têm o poder e as regras e podem competir entre si. Assim, pela sua ação transformadora, pode-se dizer que os atores sociais são, ao mesmo tempo, produto da sua sociedade de pertença e fonte ativa de produção de formas culturais sempre novas.

Desenvolvimento local, participação e relações de poder

O debate sobre o desenvolvimento local no Brasil tem se ampliado desde o final do século XX, em grande medida pautado pelas conseqüências decorrentes do acelerado processo de globalização que se intensificou no país e da adesão do Estado às orientações do Consenso de Washington, preconizando a desregulamentação da economia e a conformação a/de um Estado mínimo, feito no citado período.

Com efeito, tem ocorrido vasta produção teórica sobre o tema desenvolvimento local que permite abrir um valoroso debate em torno do que consistem as diversas concepções e suas mais variadas vivências, experimentadas de modo mais presente nos últimos quinze anos. Podemos mencionar que, em geral, predominam autores tratando de um processo de concertação, que tem como objetivo reunir os diversos atores de uma determinada localidade e, de modo compartilhado, desencadear a construção de objetivos comuns frente aos desafios colocados pela globalização. Assim, Jara (1998, p.73) afirma que o desenvolvimento local remete à intervenção institucional para a análise das relações de

⁷ A experiência de desenvolvimento local em Barra do Riachão iniciou-se em 2004 através da implementação do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil, sob a responsabilidade do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social (NUSP)-UFPE. A intervenção mobilizou a associação de agricultores, grupos de mulheres artesãs e coletivos culturais e esportivos, além do poder público municipal.

poder e das forças que articulam alianças ou se confrontam, ressaltando que isto leva à necessidade de se considerar questões relacionadas à participação, à democratização, ao empoderamento, entre outros aspectos.

Para Coelho (*apud* JESUS, 2007, p.72), o desenvolvimento local é um processo de negociação que procura mobilizar o interesse de todos os atores considerados relevantes em uma localidade, o objetivo central é mudar as condições de vida da população através de uma ação descentralizada, contando com a participação de todos. Entretanto, há discordâncias de concepções, mesmo que predomine um entendimento de que esses processos endógenos buscam construir alternativas de inclusão social e econômica à população, principalmente a parcela que mais foi atingida pela desregulamentação do trabalho, ou pela perda não apenas dos postos de trabalho, mas, em alguns casos, até o desaparecimento de profissões, em decorrência das mudanças recentes. Nessas vozes dissonantes, destacamos Oliveira (2001), mostrando que os arranjos locais, que têm procurado se constituir ante os efeitos das mudanças constatadas atualmente nas relações econômicas e sociais, são insuficientes como uma construção de alternativa aos devastadores efeitos gerados pela globalização, como denota o autor:

A maior parte das definições e ensaios de desenvolvimento local a rigor parecem-se mais com adaptações dos dominados do que alternativa à dominação: a própria dificuldade de definir o que é desenvolvimento local já é um indicativo suficientemente forte (OLIVEIRA, 2001, p.5).

Ao mesmo tempo, Callou (2006, p.111) enfatiza que, na contemporaneidade, os espaços de participação indicam que as estratégias em comum estão mais sustentadas nas diferenças do que na igualdade.

Lócus da pesquisa: Barra do Riachão e o cotidiano dos atores pesquisados

A Comunidade de Barra do Riachão localiza-se na mesorregião do Agreste e microrregião do Brejo de Pernambuco. Trata-se de um distrito pertencente ao município de São Joaquim do Monte-PE numa região de desenvolvimento do Agreste Central.

Para esta pesquisa utilizamos técnicas combinadas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, a partir de autores envolvidos nas redes sociais, desenvolvimento local e participação. Trata-se de um estudo de caso da experiência vivenciada em Barra do Riachão, cuja metodologia orientou-se no roteiro de entrevista semi-estruturada composta

de dois blocos: sendo um distribuído para as lideranças da Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente e Vila do Riachão e o outro para os membros da associação, de forma a trabalhar a narrativa dos participantes da associação e as observações pessoais dos mesmos em seus contextos locais.

A análise dos dados foi realizada a partir da construção de categorias identificadas no grande tecido chamado representações sociais: as relações de poder; amor ao trabalho; aspirações para o futuro; comunidade e participação em associação. Elencamos estas categorias como reflexões dos pensamentos e das ações dos atores sociais de Barra do Riachão para entender e expressar suas realidades.

A pesquisa tem como pano de fundo os estudos de recepção, considerando o contrato de comunicação que se estabelece entre culturas e, para contextualizar teoricamente sobre comunicação nos movimentos sociais, participação popular e redes sociais, fundamentamos em Peruzzo (2004) e Demo (1996).

Diante da complexidade do que vem a ser desenvolvimento local, elegemos os aportes teóricos de Jara (1998), Oliveira (2001) e Jesus (2007) para entender como essas redes sociais são tecidas e se articulam em busca do desenvolvimento do local Barra do Riachão.

Análises de cada categoria

Para entender o contexto, existem dois grupos atualmente funcionando na sede, a Associação de Pequenos Agricultores do Sítio Batente, criado em 2002, e o Grupo de Mulheres Rendeiras de Barra do Riachão, criado em 2007. Atualmente, a associação tem representação no Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável do Município de São Joaquim do Monte, possui 133 associados, dos quais aproximadamente 50 participam efetivamente.

O grupo de mulheres possui 16 associadas, das quais em torno de 10 estão envolvidas com as suas atividades. A faixa etária varia entre os 18 e 60 anos, na associação, e entre os 16 e os 60 no Grupo. A maioria dos associados possui ensino médio, outros estão concluindo e há três analfabetos. A profissão predominante é de agricultor, mas tem auxiliar de enfermagem e uma aposentada. Tanto a associação como o grupo estão estabelecidos há dois anos em Barra do Riachão, antes a associação era sediada no Sítio Batente.

A participação popular se dá de forma real (em rede) e articulada, pois o grupo se reúne uma vez por semana. Outra forma apontada por ela de participação é o boca-a-boca. As principais redes de participação popular existentes no local são: PSF (grupos de jovens e idosos), colégio (professor desenvolve arte), igreja (grupo de jovens), futebol, banda marcial,

secretaria de saúde, secretaria de serviço social, secretaria de agricultura, secretaria de finanças e a vice-prefeitura.

A associação é chamada entre o grupo, de Associação de Marinalva, uma referência designada pelos agricultores e agricultoras à presidente da entidade. A associação não possui sede própria, o espaço é alugado. Na associação funciona também o Grupo de Mulheres Rendeiras, de uso da ação do Projeto Artesanato e Designer, que atua na produção artesanal de redes de pesca com o grupo de vinte artesãs entre jovens e adultas, chamado Arte Calango.

Relações de poder

Nas falas de alguns entrevistados percebe-se esta categoria, ora de forma castradora, despertando desinteresse ou comodismo, ora de forma solidária:

Eles decidem. Não possuo contato com outros grupos. Minha família apóia minha participação porque é uma atividade a mais, mas tenho insônia e sou distraída demais; A cabeça é 'fulana'. Para mim, tá legal porque não se pode fazer mais, mas ela se esforça para conseguir junto com o grupo trabalho para a comunidade; Acho estas lideranças razoáveis (ENTREVISTADA D).

Na opinião de outra entrevistada, quem lidera é o grupo: E, em contraponto, ouvimos de responsáveis pela associação: "Não existe discussão. No grupo não tem problema. Toda decisão é perguntada ao grupo. Os preguiçosos são descartados" (ENTREVISTADA A).

E com relação à associação propriamente: "fulana interfere na decisão ou apóia, dependendo da necessidade" (ENTREVISTADA C).

Nas nossas observações, percebemos essa dualidade, por isso, na pesquisa, buscamos novos olhares sob a recepção e significação da associação e isso só foi possível conhecendo a comunidade e sua linguagem, como cita Souza (2006, p.23):

O reconhecimento de que as práticas sociais e culturais são o espaço mesmo da vida cotidiana, por onde se ressignifica a vida, onde afinal se situam as matizes dos sentidos atribuídos à vida individual ou coletiva, possibilita realocar a significação igualmente política desse espaço na construção da vida social.

Amor ao trabalho

Esta categoria é facilmente percebida no contato com os entrevistados, que encontram na associação uma forma de bem-estar, como afirmam duas artesãs que dizem gostar muito da atividade que exercem na associação, especificamente no Grupo de Mulheres Rendeiras, isto as leva a não sentir nenhuma obrigação de participar destas atividades:

A associação é um espaço em que se dá o valor à cultura, é um lugar de desenvolvimento cultural (ENTREVISTADA A); Venho sempre que volto de Caruaru (onde vai trabalhar temporariamente, segundo a ENTREVISTADA C); Contribuo. Só falto quando vou jogar nos finais de semana, na sexta. Eu me sinto na obrigação de participar porque eu gosto. Aqui é muito parado, ou é o jogo (de futebol) ou é a Associação. (ENTREVISTADA D)

Outro associado diz que se sente cativo no grupo e que sente amor pelo que faz, com força e coragem. Diz também que: “No roçado é a mesma coisa. Tem que ter interesse, força e coragem e ir até o final”. (ENTREVISTADO B)

Por outro lado, outros associados participam por obrigação e/ou interesse:

Só assisto algumas reuniões. Sou associada. Ganho alimentos. Sacos de batata, inhame e mudas para plantar. Eu me sinto na obrigação de participar porque quem é associado tem que comparecer e paga dois reais como sócio (ENTREVISTADA C); Eu me sinto na obrigação de participar porque eu gosto de cumprir com meus compromissos, para não dar margem para que ninguém deixe de vir. Um puxa o outro. Cada qual tem seu compromisso e obrigação (ENTREVISTADO B).

Aspirações para o futuro

Nesta categoria percebe-se que o interesse é realmente ter uma representação na área agrícola, serem valorizados, buscar desenvolvimento e melhorias para o local com o apoio dos órgãos governamentais:

A necessidade de se organizar em grupo foi a motivação encontrada para o surgimento da associação, há sete anos. Os agricultores precisavam estar unidos para resolver os problemas de ações governamentais que não chegavam nas comunidades rurais de Barra de Riachão. A gente precisava fundar uma associação para ter acesso aos projetos e programas do governo que só vinham por meio de uma associação (ENTREVISTADA A).

Este mesmo anseio se reflete nas falas dos associados, que aspiram ao desejo de uma mudança de vida, pois é isto que buscam através da atividade que exercem na associação.

Esperam que seu trabalho seja recompensado e que venham a ajudar a família futuramente, de crescer cada vez mais, financeiramente:

O nosso trabalho não é muito reconhecido em Riachão. Aqui as pessoas não valorizam o que é nosso. Tudo que produzimos é vendido lá fora. O desejo do grupo é criar desenvolvimento para a comunidade de Riachão, que através das nossas peças de artesanato por meio do trabalho da associação, venha a dar visibilidade à comunidade trazendo pessoas e o turismo; Com o apoio do grupo da universidade, acho que estejamos indo no caminho certo. É preciso ser mais reforçado em termos de apoio para o desenvolvimento da atividade (ENTREVISTADA A).

Para outro entrevistado: “a associação é um caminho para a aposentadoria, pois a associação é mais que um sindicato para realizar as coisas” (ENTREVISTADO E).

Percebemos aqui que a comunicação na cultura dissolve a barreira social e simbólica, descentrando e desterritorializando as próprias possibilidades de produção cultural.

Comunidade e participação em associação

A partir das reuniões dos agricultores e agricultoras e encontros semanais do grupo de artesãs (Grupo de Mulheres Rendeiras), a associação faz com que as famílias agricultoras aproximem-se, mesmo no espaço externo da associação: nas residências, igreja, festas populares, por meio de conversas de vizinhança falando o que se discutiu e se resolveu na reunião, entre outras conversas e assuntos do cotidiano. Isso justifica que a Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente e Barra de Riachão atue como espaço de socialização entre os agricultores, as agricultoras e artesãs do distrito de Barra de Riachão, além de promover a aproximação entre estes em outros espaços.

Os associados comprovam nas falas:

Bom, é uma forma de mobilizar as pessoas para fazer o que fazem, deixa as pessoas mais animadas; financeiramente as pessoas estão desanimadas, estão juntas não é pelo dinheiro, mas para mostrar que fazem (ENTREVISTADA A); Antes da existência da Associação as pessoas ficavam em casa e não faziam nada. Hoje, com a associação, as pessoas fazem e vendem o que ajuda (ENTREVISTADO B).

E ao indagarmos sobre a atuação das lideranças da associação perante a comunidade, tivemos as seguintes colocações: “Faz um trabalho muito bom. Sabe atender ao povo”. (ENTREVISTADA A); “Tem ata. As atividades funcionam aqui na casa do meu sobrinho, na rua de baixo. As atividades funcionam bem” (ENTREVISTADO B).

Neste ponto, é viável também reportarmo-nos a Barbero (1997), quando enfatiza que os mediadores que lutam pela identidade cultural estão inseridos no tecido da cultura popular do bairro e desenvolvem uma nova institucionalidade.

Por sua vez, as lideranças também interferem no processo de organização e decisão da comunidade: “Nem tudo é levado à decisão final do grupo, embora a discussão seja partilhada, pois o que predomina é o desejo da maioria, que muitas vezes não representa a opinião de uma liderança do grupo” (ENTREVISTADA C).

A participação extrapola os limites da comunidade, pois a associação possui contatos com outros grupos como o Grupo de Limoeiro-PE e Camocim de São Félix-PE, são Grupos de Idosos e Grupos de Artesanato. Os contatos são estabelecidos apenas por meio de conversas, quando existem dificuldades.

Considerações Finais

As redes identificadas são formais, informais, virtuais, porém o que se sabe é que todos os seres humanos participam de várias redes sociais. Por sua vez, percebe-se que há um contrato de comunicação entre a associação, grupo de mulheres rendeiras e NUSP em prol do desenvolvimento local, aproveitando-se do próprio potencial existente nos vínculos estabelecidos pelas mulheres que se encontram diariamente na calçada do mercado público para tecer redes de pesca e trocar idéias. Esta rede já acontecia de forma espontânea como resultado das interações das participantes e não foi criada por qualquer autoridade centralizada.

Inferimos que a participação popular se apresenta de forma articulada, coesa e ativa e sua principal rede, identificada no local é do tipo boca-a-boca, fazendo uso de outros espaços como: em conversas com vizinhos (agricultores, agricultoras e artesãs), nas reuniões da associação, escola da comunidade (nos espaços de intervalo) e na igreja (antes e após o evento da missa).

Referências

BARBERO, J.M. O Método: Dos meios às mediações. In: _____. **Dos meios à Mediação: Comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 360 p.

- CALLOU, A.B.F. **Extensão Rural**: polissemia e memória. Recife: Bagaço, 2006.
- CANCLINI, N.G. **As culturas populares no capitalismo. Introdução ao Estado das culturas populares**. Prêmio Casa das Américas de Ensaio. Editora Brasiliense, 1983.
- DELGADO, M.A. Las redes: una actitud de diálogo y compromiso. In: PERUZZO, Cicília K; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel (orgs). **Comunicação e Movimentos populares: quais redes? Comunicación y movimientos populares: ¿cuáles redes?** São Leopoldo: Ed. UNISINOS; La Habana: Centro Memorial Dr. Martin Luther King. Jr; Montevideo: Ciências de la comunicación. Universidade de La república: 2002.
- DEMO, P. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez, 1996.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais**. Uma versão Latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FRANCO, A. **Capital Social: leituras de Tocqueville, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturana, Castells e Levy**. Inst. de Política. Millennium, 2001, p.367-395.
- GOHN, M.G. **O protagonismo da Sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005 (Coleção Questões da nossa época; v.123).
- HALL, S. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003._____. **A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local - Desafios de um processo em Construção**. Brasília: Instituto de Cooperação para a Agricultura (IICA); Recife: Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco – SELN, 2001.
- JARA, C.J. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Brasília: IICA, 1998.
- JESUS, P. **Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável**. In: MACIEL FILHO; REGO, Adalberto; PEDROSA, Ivo Vasconcelos, ASSUNÇÃO, Luiz Márcio de Oliveira (Org.). Recife: EDUPE, 2007.
- MARTELETO, R.M. Análise de redes sociais: aplicação de estudos de transferência da informação. MCT/IBICT. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ciência Informativo Brasília**, v.30, n.1, p.71-81, 2001.
- OLIVEIRA, F. **Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo: USP, 2001.
- PERUZZO, C.K. Comunidades em tempo de redes. In: PERUZZO, Cicília K; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel (Orgs). **Comunicação e Movimentos populares: quais redes? Comunicación y movimientos populares: cuáles redes?** São Leopoldo: Ed. UNISINOS; La Habana: Centro Memorial Dr. Martin Luther King. Jr; Montevideo: Ciências de la comunicación. Universidade de La república: 2002.
- PERUZZO, C.K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.73-111.
- SOUZA, M.W. A recepção sendo reinterpretada. In: SOUZA, Mauro Wilton de. (org). **Recepção Mediática e espaço público: Novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006 (Coleção Pastoral da Comunicação: teoria e prática). Série: Comunicação e Cultura.
- TAUK-SANTOS, M.S; NASCIMENTO, M.R. **Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção**. P. 116 a 117. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org). Recepção Mediática e espaço público: Novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006 (coleção Pastoral da comunicação: teoria e prática. Série: comunicação e cultura).



_____. **Receptores imaginados: os sentidos do popular.** Revista eletrônica Signos do Consumo. Edição 1. Janeiro-julho de 2009. ISSN:1984:5057. São Paulo: ECA/USP, 2009. Disponível em: <<http://www.usp.br/signosdoconsumo/atual.html>> Acesso em: 28 març. 2009
C.1-Cultura y Comunicación: revisiones teóricas.

TAUK-SANTOS, M.S; ARAÚJO, E.S; PATRIOTA, N.S. **Construindo a saúde comunitária: estudo da participação de agentes de saúde.** Disponível em <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/3/3a/GT2-texto3-Construindo_a_saude_comunitaria_-_varios.pdf> Acesso em: 28 de agos. 2009.